

# Real-Brasília e Brasília real

NEWTON EGYDIO ROSSI

Brasília vem sendo, ultimamente, apontada como bode expiatório das mazelas do País. A tal ponto que muitos moradores temem ir para o litoral com suas famílias, nos seus carros próprios, com medo de serem confundidos com algum "marajá".

Agora, mais uma vez, o ex-ministro Delfim Netto volta à carga em um programa de televisão: "As pessoas, em Brasília, não têm idéia do país real. São parasitas da Nação, que nada produzem e vivem de sugar os recursos das demais regiões" ... "Certamente o ex-ministro está a destilar sobre os brasilienses sua exasperação com os rumos da política econômica do presidente Collor. Mas, o que nós, pioneiros e moradores desta cidade, que outrora foi chamada "Capital da Esperança", temos a ver com isso? Ocorre-me lembrar ao sr. Delfim Netto o velho adágio árabe: "Que favor lhe fizemos nós — brasilienses — para que nos tenha tanto ódio?" Mas é tão grande a tentação de tentar compreendê-lo, que ousou alinhar algumas hipóteses.

A visão do ex-ministro, em primeiro lugar, não é inédita. Desde que o presidente JK decidiu-se pela construção de Brasília, uma parte pequena, mas significativa, da opinião política do País posicionou-se firmemente contra esse "absurdo". Semelhante visão retrata, pois a noção conservadora, própria de muitos palacianos que entram e saem do poder sem se dar conta do que lhes passa em torno.

A volta do Palácio do Planalto frequentado durante muitos anos por Delfim Netto, existe uma cidade de quase dois milhões de habitantes, igualzinha a tantas outras do Brasil e da América Latina, onde as pessoas não têm emprego, acotovelam-se em

casinholas poeirentas, e lutam desesperadamente para sobreviver até o dia de amanhã, sempre incerto e surpreendente. Brasília só é pior do que muitas outras porque é o retrato vivo do Brasil, em miniatura. Aqui, existe a pior distribuição de renda da Nação: no Plano Piloto, altas rendas; na Praça dos Três Poderes, um por cento de verdadeiros privilegiados; e, à medida que nos afastamos, em direção a Goiás, Bahia ou Minas Gerais, no quadrilátero do DF, a renda vai-se rarefazendo e avultam as tristes condições de um processo de urbanização à feição do cerrado: distorcido e trágico; violento e subumano.

Esqueceu-se o sr. Delfim de que ele é um dos responsáveis pela brutal compressão social, que agravou, durante anos, as condições de vida dos brasileiros mais humildes?

Hoje, o ex-ministro critica o Estado. Fala de marajás, confundindo Brasília com o próprio Estado. Mas, a seu tempo de todo-poderoso, o sr. Delfim não procurou mudar o caráter desse Estado. Pelo contrário, privatizou-o ao extremo, transformando-o em presa fácil do clientelismo e do corporativismo. Fez do Estado um algoz social, ao defender, com a força do autoritarismo, o uso exclusivo da máquina estatal como instrumento da acumulação selvagem, sem pejo da miséria que produzia na sua retaguarda. Em sua segunda gestão, entre 1979 e 1985, o então ministro jamais procurou cortar o empreguismo ou as enormes desigualdades salariais da administração pública. Em verdade, fez o oposto, permitindo que a máquina administrativa inchasse sem qualquer constrangimento nem justificativa.

Brasília, enfim, não se confunde com a parte do Estado que vive a serviço dos interesses econômicos e

que, por isso mesmo, usufrui situação privilegiada. Brasília, na verdade, é, hoje, um verdadeiro turbilhão de pessoas que, oriundas, em sua grande maioria, do sertão, aqui buscam a mínima perspectiva de realização social, em fuga à seca, à miséria e à ignorância. Mas esta cidade é paradoxal: tem o maior número relativo em seu contingente de analfabetos e de universitários, ao mesmo tempo. E os retém a todos em seu amplexo.

Brasília, porém, não é apenas uma vivência urbana em processo. Sua região geoeconômica, mergulhada no "cerrado", é, hoje, uma promessa de redenção agrícola para o País. A própria cidade já tem grande parte do seu abastecimento assegurado na região.

Entretanto, o que mais impressiona em Brasília é a sua verdadeira vocação terciária. Sobretudo, não há, aqui, um centro industrial poluído de chaminés e de contaminação, a nos envergonhar. A cidade descobriu outras formas de existência urbana, desenvolvendo os serviços de ponta industrial, como a informática, e se prepara para ingressar, com o apoio de sua excelência universitária, em outros segmentos igualmente importantes para o desenvolvimento do País. Brasília, hoje, produz mais da metade do **software** nacional. O que é isso, Sr. Delfim? Parasitismo?

Como efeito, ficaríamos imensamente contentes em receber o ex-ministro para um debate franco sobre estes e outros aspectos da cidade de Brasília que o sr. Delfim parece conhecer muito pouco.

Newton Egydio Rossi é presidente da Federação do Comércio do Distrito Federal